

ISSN 2237-1141

# Labirinto Literário



# Labirinto Literário

Rio de Janeiro · Ano 7 · Nº 31 · ABR/MAI/JUN 2013

© Todos os direitos reservados

## **EDIÇÃO/DIAGRAMAÇÃO/PROJETO GRÁFICO**

Mozileide Neri

## **COMISSÃO EDITORIAL**

Aimeé Lejeune • Bárbara Shenader • Joana Brito •  
Julia Hernández • Juliana Amaral • Luana Colaneri •  
Mozileide Neri • Sandro Ramos • Rodrigo Amaral •  
Luisa Beltoise

## **REVISÃO**

Tatiana L. da Costa

## **ARTE DA CAPA**

Fabio Dudas

## **LEITORES OFICIAIS**

**BRASIL** - Acre · Amazonas · Amapá · Pará · Maranhão · Bahia · Paraíba · Pernambuco · Recife · Rio Grande do Norte · Distrito Federal · Minas Gerais · Espírito Santo · Rio de Janeiro · São Paulo · Paraná · Santa Catarina · Rio Grande do Sul. **CHILE** - Región Metropolitana de Santiago · Región Del Maule · Región Del Biobío. **VENEZUELA** - Caracas · Cojedes · Guárico · Lara. **URUGUAI** - Montevideú · San Jusé · Rivera · Soriano. **ARGENTINA** - Mendoza · Santa Fé · Córdoba · Buenos Aires. **REPÚBLICA DOMINICANA** - Puerto Plata). **EUA** - California. **MÉXICO** - Baja California. **PORTUGAL** - Lisboa · Porto · Coimbra. **FRANÇA** - Lyon. **ESPAÑA** - Barcelona · Córdoba. **ANGOLA** - Luanda · Huambo · Benguela. **MOÇAMBIQUE** - Nampula · Maputo. **CABO VERDE** - Ilha de Santiago · São Domingos · Ribeira Grande de Santiago · São Salvador do Mundo. **MARROCOS** - Essaouira.

---

## **SUMÁRIO**

---

- 04\_ Editorial**
- 05\_ Ressaca Literária**
- 06\_ Mara Narciso**
- 09\_ Ana Claudia Werneck**
- 11\_ Taiane Carneiro**
- 15\_ Taysa Silva Santos**
- 16\_ Urda Alice Klueger**
- 19\_ Fábio Santana Pessanha**
- 26\_ Carmen Marangoni**
- 27\_ Labirintite**
- 28\_ Poesia**

Existo quando:  
Abro páginas de um livro surdo,  
leio histórias escritas por loucos,  
absorvo versos de um pôr-do-sol,

Reconstruo a liberdade  
quando jogo fora os meus preconceitos.

Faço nascer a esperança  
quando abraço uma criança abandonada.

Sou infinitamente feliz  
quando perco um livro  
e o sorriso de alguém o encontra.

---

# Ressaca Literária

Sabrina Batesini e Carol de Oliveira

---

## **Qual livro você gostaria de ler?**

Envie sua resposta para o nosso e-mail

**([labiritnoliterario@yahoo.com.br](mailto:labiritnoliterario@yahoo.com.br))**

ou responda como comentário no nosso blog

**([labirintoliterario.blogspot.com](http://labirintoliterario.blogspot.com)).**

Todas as respostas serão lidas, algumas selecionadas e publicadas no blog e nas próximas edições do LL. As respostas selecionadas receberão os livros desejados.

O PREÇO DA CIVILIZAÇÃO E DA VIDA CONFORTÁVEL | Mara Narciso

Por volta dos meus dez anos, na minha casa tinha geladeira, chuveiro elétrico, televisão (aqui não falamos televisor), batedeira, rádio, ferro elétrico e enceradeira. Num certo período não tinha telefone. Recado, só pessoalmente. Poucos anos antes, na casa da minha avó Maria do Rosário de Souza Narciso tinha as mesmas coisas, exceto televisão e batedeira. Tinha também liquidificador. Com a melhora do salário mínimo em relação ao dólar, o aumento do poder aquisitivo da população e crédito fácil, a presença de eletrodomésticos, que até recentemente servia ao IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- para determinar as classes sociais, não mais determina a estratificação social. Quase todos podem ter motocicleta, máquina de lavar, TV com controle remoto, telefone celular, e muitos têm carro com vidro elétrico.

O preço dessas comodidades é a necessidade de frequentar academias de ginástica para reverter a alta incidência e gravidade da obesidade. A minha avó pesava 46 quilos a vida toda, mesmo depois de ter tido onze filhos. Quando solteiras as suas filhas a ajudavam, e sempre teve empregada doméstica, mas lá tinha escovão para dar brilho ao assoalho, a roupa era lavada à mão, nada era descartável. Após o uso era preciso lavar para reaproveitar. Havia fogão e forno a lenha. Não tinha spray. Moía carne com a força do braço. Doces e biscoitos eram feitos em casa. Matava-se e depenava-se o frango. Havia seis quartos, escadas, jardim e quintal grandes para serem limpos, com muitas árvores e plantas. Íamos a pé a uma chacinha que vovó possuía, a uns 5 km , aonde plantávamos um pomar. Não havia calorias suficientes para suprir, gastar nas tarefas domésticas e engordar, embora a minha avó quisesse ganhar peso, pois admirava as carnes de sua irmã gorda e fizesse superalimentação para isso.

Andar de carro, de elevador, usar vidro elétrico, controle remoto na TV, máquina de lavar, telefone celular e fralda descartável nos impedem de gastar energia. Estamos nos tornando uns inválidos. Não damos um passo a pé, e quem não faz o serviço doméstico de limpeza precisa comer muito pouco para conseguir manter o peso. A nossa fome é do tempo das

cavernas e o acesso a comida é fácil e farto, com montes de calorias em recheios, molhos, gorduras, açúcar e porções gigantes. Como fazer para não ultrapassar os limites, considerando que o controle da fome é igual ao de nossos ancestrais que corriam de onças e leões?

Penso em como explicar o motivo para a maneira escandalosa com a qual as pessoas estão engordando. Muitos ganharam 5 a 10 quilos em dezembro. Repito que fotos antigas quase não mostram pessoas obesas. Os estudantes iam a pé para a escola, mesmo que tivessem de caminhar 30 ou 40 minutos. Muitos nadavam nas férias e não saíam de cima da bicicleta. Brincar de correr nas ruas era costume local. Não é de se estranhar que os estudos mostrem que as crianças de hoje são maiores, porém muito mais fracas fisicamente e perderiam feio caso disputassem com seus pais ou avós meninos, num cabo de guerra. Como fazer para mudar isso? Produzimos comida e confortos e não os utilizar?

Como criar coragem de largar o sofá e ir se mexer? Será preciso deixar a TV, o computador e o videogame e fazer uma visita a pé a algum amigo, dar uma volta na praça, deixar os alimentos industrializados e privilegiar saladas e frutas. O sabor está nas gorduras, assim é um desafio abandonar os alimentos mais calóricos.

Estamos alargando o nosso olhar, pois as nossas crianças estão a cada dia ocupando maior espaço. Não só elas, mas principalmente os adultos. Olhando uma foto de salvamento nos Estados Unidos, impressionou-me a largura dos uniformes dos homens do corpo de bombeiros. Caso seus antecessores pesassem 80 a 90 quilos em 1m85, os atuais pesam mais de 120 quilos. Os uniformes estão gastando muito mais tecido e estudos podem confirmar a minha despreziosa observação. Pessoas com mais de 150 quilos não são incomuns. A frequência da obesidade já não causa espanto, mas sim estranheza aos obesos quando se declina qual seria o peso correto, considerando-se o IMC - Índice de Massa Corporal, da Organização Mundial de Saúde, conhecido por todos.

Decretar que pesar mais não faz mal a saúde, ou mudar os critérios de peso adequado, não influenciam no resultado. Estamos ampliando os modelos e manequins, mundo afora. Será que veremos os avanços da civilização ser condenados? Isso se as montanhas de lixo e entulho produzidos e a poluição não nos direcionar novamente para as cavernas. Lá

não mais teremos de correr dos mamutes, pois já acabamos com eles. E que não acabemos com nós mesmos, numa patética autofagia. Minha teoria é simplista, mas que tem lógica, isso tem.

Os ganhos em longevidade estão escapulindo pelas mãos da obesidade. Precisamos mudar rápido, pois apenas agindo diferente teremos outro resultado. Começando hoje, amanhã já será o segundo dia.

13 de janeiro de 2013

HISTÓRIAS DA MATA | Ana Claudia Werneck

Em volta do rosto redondo e queimado de sol da Mulata, os cachos indefinidos e embaraçados se transformavam. Trançava seus cabelos rebeldes, separando-os mecha por mecha com grampos e muito cuidado em frente ao espelho da penteadeira do quarto; às vezes dava uma pausa para um gole de cerveja - aproveitando o movimento para espiar a luz que piscava do morro que rodeia o bairro. Havia ali uma mata antiga e importante protegida pelo IBAMA, cujas árvores estavam escassas no Brasil, diziam Mata Atlântica. Foi o que lhe contaram, fazia dez anos, quando ela se aventurou subi-lo e escalar um jameleiro para ver a praia de Sepetiba com as amigas, aquela foi a última vez que sentiu roçar nas palmas das mãos os zimbrais da mata. Depois disso ficou com uma certa frustração de quem perde um animal de estimação.

Foi um domingo quente e abafado. Preferiu ficar em casa a vender água na praia da Barra, trabalho que lhe rendia num final de semana de duzentos a quatrocentos reais. Sempre assim, depois que via o Carlinhos no baile da Quinze. Agia de forma inconsciente e à medida que trançava seus cabelos sentia sua força interior se restituir por um poder desconhecido. Buscava essa energia para os próximos dias.

Na segunda pela manhã recolheu os lixos da casa, colocou-os no cesto da calçada e dali viu uma pipa branca voar até o local de onde a luz piscava na noite anterior. Correu para o quarto e observou que o vento que soprava naquela direção fazia a composição branca imprimir tons claros da luz do sol e cinzas, da sombra; eram movimentos com variações constantes. Veio a mente um tal código Morse, e iniciou sua pesquisa quando o ventou levou a pipa para longe. E anoiteceu. Esqueceu-se das aulas da faculdade concentrada debruçada na janela.

E a luz começou a piscar novamente e de imediato tomou para si a caneta, deixando a bebida entornar sobre a escrivaninha. Estava um pouco desajeitada, tentou decifrar a nova língua estrangeira. Anotou os pontos e os traços. Muitas folhas pela madrugada, passou para o Português pela manhã.

Já não trabalhava tanto na praia e em casa traduzia de tudo; traições, nascimentos, mortes, romances utópicos, anjos e demônios, duendes e bruxas, escritos egípcios, ufologia...e nos últimos anos escreveu alguns livros que lhe deram fama. Histórias da Mata, com três volumes.

Carlinhos começa a se interessar por Mulata, só que agora ela já não o reconhece, respira outros ares. Ocasionalmente sai de casa, toma um banho de mar, vai à faculdade ou à livraria; mas na maioria do tempo fica no quarto com a janela aberta para o morro com seu cabelo trançado, sentada ao lado de uma estante de livros desde Darwin, Mendel, passando Evanildo Bechara e indo em direção a Raphael Patai e Aristóteles.

É assim que eu a vejo da minha janela.

E não dispensa sua cerveja enquanto transcreve o mundo paralelo que a luz lhe conta. Fantasia.

IDA AO SUPERMERCADO | Taiane Carneiro

Estou na angústia de minha mudança, mudar novamente, mudar é relativamente simples, até porque não tenho muitos móveis nem roupas... Algumas caixas de livros talvez. Meu novo apartamento fica cerca de 20 minutos do atual, mas ainda preciso de caixas, mudança sem muita caixa e fita adesiva não é mudança.

Como não guardei as caixas da mudança anterior, fui ao supermercado próximo ao apartamento buscar caixas (alguém guarda as caixas da mudança anterior?). Aproveitei comprei algo para comer, perguntei para uma pessoa com um uniforme do supermercado se haviam caixas para eu levar, pois estava me mudando. Logo esta chamou outro rapaz, este não sabia para o que eu queria as caixas, mas foi verificar se elas estavam disponíveis.

Nesse meio tempo já havia notado o mau humor das pessoas que ali trabalhavam. Percebi também que hoje em dia o sorriso e simpatia são artigos raros, no entanto resolvi deixar essa minha percepção de lado por ora. Enquanto esperava o menino e as caixas, escutei uma senhora falar, devia ter uns 75 anos e muita plástica. Ela dizia: - Leite com baixa lactose, já perguntei 10 vezes nesse super... supermercado (ela enfatizava ironizando a palavra super) porque não há leite de baixa lactose, nesse buraco ninguém me escuta, moça (se dirigindo a uma atendente) você vai sumir como os outros por essa porta ou vai verificar por que nesse buraco não há leite de baixa lactose?

Eu nunca havia visto leite de baixa lactose naquele mercado. Até aquele momento eu nunca havia pensado em leite de baixa lactose, um mundo novo de possibilidades na estante do mercado se abria ali na minha frente em meio a gritos e um discurso inflamado. Mas aquela senhora deveria entender que o mercado não era um buraco e as pessoas não sumiam pela porta, ou essa senhora estava vendo muito filme de ficção científica ou pensava que o supermercado deveria viver em função das pessoas que querem leite de baixa lactose. Por Deus leite é para ter lactose, leite sem lactose já foi algo inventado por alguém bem bacana para ser

legal com as pessoas que não podem consumir lactose, agora se todas as pessoas com intolerância a lactose fossem como esta senhora, duvido, duvido que alguém no ramo da ciência tivesse se importado com isso. Leite está para Lactose assim como Lactose está para o leite, por Deus essa mulher poderia parar de berrar e levar um chá de camomila.

Nesses momentos agradeço por não estar trabalhando naquele supermercado. Lembrei que no mesmo mercado há umas semanas atrás havia um senhor às 23h45min na fila reclamando que não havia ninguém para atender especialmente os idosos e que aquilo era uma vergonha.

Às 23h45min havia apenas uma pessoa na frente dele na fila, eu. Comecei a pensar como as crianças e os idosos são semelhantes, birrentos, cabeças-duras, chorões e incoerentes... Após toda essa reflexão e a certeza que serei uma idosa tão chata quanto eles, eis que chegaram minhas caixas, minha face sorridente (eu sorria para tentar manter um clima mais harmonioso) se desfez quanto o menino apareceu com três caixas sendo uma pequena e as outras fedendo a peixe.

O que dizer nessa hora? – Muito obrigada garoto agora poderei guardar todas minhas roupas aqui e já terei um novo perfume: sardinha em lata. Agradeço nesse instante por ter começado a praticar yoga, inspira, segura a respiração, expira devagar, inspira, segura a respiração, expira devagar... A paciência, a respiração, a paciência, a yoga, a respiração, a falta de sorte, a paciência... A yoga foi sugestão de um grande amigo meu. Agradei pelas caixas e pedi para guardarem outras que no final da tarde passaria para pegar, afinal sabia que aquelas caixas eu não poderia utilizar, ao menos para as roupas, talvez para os livros.

Guardar todas as coisas... Achei que não caberia nada nas caixas, mas até que foram de grande utilidade. Encontrei novamente umas fotos e coisas que havia escrito há uns 10 anos atrás. Penso que essas caixinhas que guardamos e as fotos servem para isso, para dar emoção a mudança, panelas e pratos encaixotados não são definitivamente a expressão de nostalgia. Agora cadernos, cartinhas, fotos, livros, poesias... Está certo que sinto uma vontade grande de jogar fora, mas vou ter que me mudar novamente, então precisarei desse toque de nostalgia. E se um dia as pessoas quiserem saber mais sobre mim... Então ali estarão as caixinhas e todas as coisas nostálgicas.

Encontrei também meus livros sobre química, materiais poliméricos, ferro fundidos ferrosos, análise estatística de processo, tantas coisas que estudei na faculdade e que hoje não me dizem absolutamente nada. E pensei nos livros que queria ter: todos sobre história da arte, cinema, teatro, dança contemporânea... Realmente essa minha mudança me faz perceber que para a próxima preciso de outros livros.

Guardei tudo, e então percebi que havia guardado coisas demais quando fui cortar um pão e não havia nenhuma faca. Fiquei um pouco irritada e resolvi comer o pão apenas com queijo e presunto, sem manteiga, assim não precisaria da faca. Senti-me quase um gênio com essa decisão.

Como não sou um camelo, nem um cavalo preciso de um caminhão para efetuar a mudança. Peguei a lista telefônica e comecei a ligar, esses mercenários tem um preço tabelado, filhas da mãe 70 reais à hora, sendo que cobram no mínimo 3 horas pela mudança. Em que mundo estamos? Será que todos que tem um caminhão de mudança são multimilionários ou todos têm acima de 70 anos para serem tão rabugentos?

Depois que uma tarde inteira de procura pelo caminhão encontrei com o auxílio de uma amiga, um senhor que fará a mudança a 60 reais sem limite de hora, o problema é que ele tem uma Kombi. Sim, uma Kombi. Ele afirma que minha cama, minha geladeira, meu fogão e meu sofá, além das caixas com cheiro de peixe cabem na Kombi. Penso que no sábado presenciarei o milagre da multiplicação do espaço na Kombi.

Às 19 horas fui verificar se haviam mais caixas no "superburaco", enquanto esperava a atendente (aquela que fica com o microfone na mão anunciando as falsas ofertas) chamar o menino da caixa. Durante minha espera entra outro idoso, esse reclamava do croissant, ele dizia: - por que neste mercado havia croissant de tamanho médio e recheio doce e agora não há mais? Se na outra filial de vocês têm croissant, aqui tem que ter também.

Qual o problema dessas pessoas? Tem filial desse mercado em todas as esquinas dessa cidade, pelo amor de Deus vá a outro mercado e compre. Eu não consigo entender como essas pessoas se apegam a coisas tão pequenas como um croissant, se fosse o caso de estar faltando papel higiênico ou leite (me refiro ao leite comum, não a porcaria de baixa lactose) no mercado existiria uma razão lógica para reclamar. Enquanto isso

a atendente chamava o M1: - M1 favor comparecer ao caixa de atendimento 5.

Era o caixa onde eu estava, caixa especial para pacotes de presentes. Eis que chega o M1 com as mãos vazias, caso algo no mundo tivesse mudado e as caixas fossem invisíveis, as mãos vazias do M1 significavam que não havia caixa alguma, nem caixa com cheiro de peixe.

MULHERES: SÃO MAIS LIVRES OU MAIS ESCRAVAS? | Taysa Silva Santos

Da busca pela autonomia, liberdade... Uma palavra: emancipação; as mulheres vivenciam uma difícil antítese. Assim, analisando a imagem da mulher no cenário midiático atual surgem às indagações, [me pergunto] qual tipo de emancipação que se almejou [?].

No decurso do ano a mídia pleiteia a imagem da “mulher como objeto de consumo”, não se vivifica mais questões de caráter, mas sim o objeto sexual chamado Mulher. Os exemplos são diversos, são os comerciais de bebidas, de carros, etc. Todas as instâncias apelam para a imagem de mulheres nuas ou seminuas. Mas o pior não acaba por aí, agora, inventaram um modelo/padrão de mulher a se desejar, ou melhor, a se adequar (remodelar), causando crise (subjéctiva e física) no cenário feminino em geral, pois a maioria das mulheres não está contida nesse padrão instituído. O que fazer?

Igualmente, estamos dizendo que as mulheres devem estar despidas para chamar atenção, todavia, a mulher não se atentou que sua imagem está sendo vulgarizada. Uma geração de garotas neuróticas (ocas) que se importam somente com a questão do corpo e sua representação simbólica na sociedade. É lamentável o estágio de coisificação a que chegamos. Fica a pergunta: Libertaram o corpo e enclausuraram a mente?

Protesto veemente a este livre arbítrio escravo (liberdade hipócrita)!

A CAMINHO DE CUSCO - PERU | Urda Alice Klueger

(Excerto do livro "Viagem ao Umbigo do Mundo", publicado em 2006).

Um dia, num outro livro, escrevi assim:

"Ah, Cusco, antiga capital do Império Inca, ah! Cusco, atual capital do Império Inca!". Como falar de Cusco sem dizer tais coisas? Depois que se vai a Cusco não se pode mais acreditar no que dizem os livros escolares, que contam que o Império Inca foi destruído por Pizarro e etc. A cultura dos povos antigos da América está muito e muito viva, e os povos também o estão. Para termos uma ideia, basta fazermos a conta da quantidade de gente que ainda hoje, em pleno século XXI, ainda fala o quíchua, a antiga língua que falavam os antigos Incas, nas regiões andinas: cerca de 8.000.000 de pessoas, e a língua está em expansão![1] Penso que outro tanto de gente fala o Aymara, e só no antigo Vale Sagrado dos Incas, o Vale do rio Urubamba, há mais 38 línguas antigas sendo faladas. São línguas tão desconhecidas pelos invasores europeus que eles nunca conseguiram sequer grafar a contento os sons das palavras, e a própria língua quíchua também é grafada como quechua ou de outras formas, bem como Cusco é grafado como Cuzco, e até como Qosqo! Se bem que o Império Inca existiu por um período curto, cerca de 400 anos, representou ele um somatório de muitos milhares de anos de História Americana, no mínimo 12.000 anos, até que se provem datas mais distantes. Pensar em Cusco me põe o coração a bater, me deixa emocionada com a grandiosidade que pode ter a História.

Na vez anterior em que eu estivera em Cusco eu chegara de noite, de trem, e não pudera ver a região próxima – desta vez era de tarde, eu dormira muitas horas e estava descansada, e a temperatura estava amena ali no carro de apoio, e então pude curtir aquela aproximação do Umbigo do Mundo como ainda não o fizera!

Eu hei de ter tempo, ainda, no decorrer da minha vida, para um dia pegar uma mochila, ir até aquela região próxima de Cusco, alugar um cantinho lá numa daquelas casinhas de adobe, e ficar por lá um mês, vivendo como aquela gente vive! Pois nessa região do entorno de Cusco se

vive como se vivia, creio, há pelo menos uns 5.000 anos antes do presente, no tempo em que o ser humano daquelas terras já dominara a agricultura, a criação de gado e tantas outras coisas, e na Europa mal e mal estava a formar-se as primeiras aldeias nas penínsulas que mais tarde seriam Grécia e Roma. E um dia os europeus chegaram ali e disseram que ali era a Barbárie, e que aquela gente era selvagem, e em nome de Deus e do rei tomaram posse das terras e do poder, e destruíram tudo quanto puderam.

Não puderam destruir a cultura, no entanto. Cultura é coisa que não se destrói. Numa outra vez em que estivera no Peru vira, numa aldeia próxima de Olamtaytambo, antigas casas Incas intocadas, feitas de pura pedra, pequenas e funcionais, com seus nichos na parede à guisa de armários e prateleiras, onde os descendentes dos Filhos do Sol viviam quase como se viveu lá atrás, um dia. A diferença visível é que nos nichos das paredes, onde havia utensílios com certeza também provenientes de uma cultura milenar, havia coisas muito atuais: relógios despertadores, rádios à pilha, etc. E era uma aldeia altamente frequentada por turistas, principalmente europeus e israelenses, que, com certeza, semeavam por ali sementes de ideias e incendiavam as imaginações, mas o tempo passava e a velha cultura milenar continuava.

Assim era por onde andávamos naquela tarde. A fertilidade muito verde daqueles páramos parecia de veludo, toda cheia de umidade, até com magro rio a escorrer no meio dela, rio que deveria ter sido profundo e caudaloso no tempo do Degelo, pouco antes. No meio da verdura, casinhas de adobe como devem ter sido as casas do passado abrigavam a população que era toda rural, e lá estavam as pessoas, principalmente as mulheres, em duas, em três, em pequenos grupos que vigiavam seus rebanhos de lhamas que pastavam nos pastos sem cercas. Perguntei-me: seriam terras comunais? Teriam sido os velhos costumes mais fortes que o tacão do europeu e aqueles pastos não teriam cercas por costumes imemoriais? Não sei, talvez fossem. Sei que no México, no século XXI, muitas terras ainda são comunais.

Sei que era extremamente lindo ver aqueles rebanhos de lhamas nos pastos verdinhos, e suas donas sentadas próximas a elas, fiando a lã da última tosquia como suas antepassadas devem ter fiado por milhares de anos antes que o invasor espanhol por ali chegasse, e aquelas mulheres e

aquela lã eram extremamente coloridas e emocionantes dentro de como que um passado revivido, e eu ficava muitíssimo emocionada a olhá-las, quieta ali dentro do Land-Rover, sonhando com o dia em que voltaria ali para viver entre elas por um tempo. É aquela uma região onde ainda não há luz elétrica, e uma noite dentro de uma daquelas casinhas de adobe, à luz de algum tipo de fogo, deve ressuscitar realmente os velhos fantasmas do passado e trazer à tona toda a força da cultura que os cristãos julgaram erradicada, um dia.

Apaixonada por aquela paisagem de sonho, por aquele mergulho no passado, percorri aquelas últimas duas horas quase que em silêncio, apenas chamando a atenção do Lobo Solitário para isso ou para aquilo e usando de interjeições como a gente faz quando lida com a paixão!

E na sombra do entardecer, chegamos a Cusco!

---

[1] Sobre o uso do quíchua (ou quechua) nos países andinos, ver mais em [www.pucp.edu.pe/estudios/cursos/quechua/La%20gente.doc](http://www.pucp.edu.pe/estudios/cursos/quechua/La%20gente.doc), consultado em 17.06.2006. (Nota da autora)

DISFUNÇÃO LÍRICA | Fábio Santana Pessanha

Eu só sei que foi assim: a poesia me fez poente; deixou-me por do sol em céu de canela e nuvens. Quando eu era fala burocrática, arremedava uns gestos de outrora, umas pencas de passagens, uns compassos de música ensandecida. Mas ainda ficava a bordo do desaviso... Agora, sou verso em mãos crentes, em coração e boca quentes de verbo.

De tão absorto que fiquei, acabei chegando já chegado, porém sem desbocar a coisa dada em frases e conjunções. Mas vou contar o acontecido para que sua vista se festeje em comunhão com todo o corpo.

Eu sempre fui dita por boca desdentada, mas desdentada no pior dos sentidos: sem favas, manhas (mas com muitas artimanhas). Eu era tacada certa em alvo errado, um achado de coisas desditas. Era uma fala parca, sem pronomes, gerúndios ou gerânios, contudo atacava o verbo de todos os modos. Diziam para eu deixar de ser tola, que não precisava de nada dessa coisa de efusão (confusão que era essa tal palavra que por não ser de mim, me era estranha, nem tão clara, mas muito cara!). Então, me achante que eu era, me fiz rogada e postulada das clarividências dos ditos e desditos. Com gorjeios espúrios, eu era aclamada pela certeza dos meus atos. Afinal, a fala também se desengana quando imersa nas cinzas dos descantos, na rubra febre do comum dos dias antros. Eu era fala na boca de erudito, amassava as curvas das palavras, rubricando nas quadradezas das frases retas. As palavras em dentes eruditos não brincam, são sermões consonantais ao forte sol de meio-dia. De uma infância florida com pulos e riachos, as corredeiras da minha senda se transformaram em relatórios listados e formatados, meus risos guardaram seus colares e meu encanto se enformou amianto. Uma fala sem cintura, não rebojava nem entoava os eflúvios de ninfas encantadoras; era tosca e desdenhosa, tão sem flor quanto chute descalço em pedra despercebida. Enfim, de passagens me tornei paragem. Uma alfinetada no estômago da palavra, cuja queda se fez arremedo de paraquedas. Mas isso foi num então que depois de uns outroras se tornou pois sim. E já digo como foi!

Fala empapuçada de gravata que eu era, com nós cegos, surdos, mudos, decentes e consequentes, um dia me esbarrei com um verso em

desvario. De tão desconcertada que fiquei, fui atrás do dito cujo, achando o achado de sua repetilência. Corri atrás do seu rastro, me fazendo desusada de olhares certos. Tive que incorrer na errância para me aproximar da nuance de sua passagem! Que canseira me meti a atrever cores em meu cinza! Para me apegar na poesia, fui desdentrando a certeza que me ocorria e redesvendo a reteza dos meus passos. Dificílimo é desendireitar o direito, quando o antes de seu pleito já fora tão esquecido, que é tido como nunca havido! No de repente de um átimo, uma fagulha fez seu risco no meu céu... deixei-me liso de entraves e fui percorrer o rascunho desse desalinho. Ainda que manca de um olho só, retirei a cera dos ouvidos e me pus a escutar:

Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos  
Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos.  
A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.  
Nomearei abaixo 7 sintomas dessa disfunção lírica.  
1 – Aceitação da inércia para dar movimento às palavras.  
2 – Vocação para explorar os mistérios irracionais.  
3 – Percepção de contiguidades anômalas entre verbos e substantivos.  
4 – Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras.  
5 – Amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes.  
6 – Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra.  
7 – Mania de comparecer aos próprios desencontros.  
Essas disfunções líricas acabam por dar mais importância aos passarinhos do que aos senadores.<sup>1</sup>

“A disfunção” dessas palavras me encantou... aí já era tarde e o perdido fez-se pronto! Duvidosa fiquei por esse encanto, pois eu que era manca de palavras, de repente me vi saliente em versos. Mais um outrora me ocorreu, daí pensei que isso, na verdade, já era meu. E fiquei contente!

Ainda descrente, demente, devente desse pranto que mentecaptou minhas vistas linguais, torta dos confusos, me achava presente... estava

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel de. “A disfunção”. In: *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010, pp. 399-400.

mesmo era parturiente... Em que cova me metia no desenredo desses meus dias? De nada em nada o muito me fitava há tempos, no entanto a caolhisce dos meus atos favoreceu a despresença desse fato.

Sim, eu era zanolha! E o ferrolho dos verbais, mesmo fincando as vestes num corpo ornado em frias calhas, finalmente destravou a tranca dos trepostos à correção e desfechou o desassombro da fala falada, escutada e silenciada, tudo num gesto só. Era a poesia dando sua cara ao abraço...

Então era isso! Estava sofrendo de disfunção lírica! No enlace que tive com o poema, ele me desaguou: "Isso é flerte de palavra que é canto, embora emboscada no recanto do nó, faz de pó os entraves que a prendem. A palavra é lavra de gestação fecunda, não importa o quão se afunda a boca que a detém, é mera e parca a mira do além, pois, num aquém, ela rodopia em florido campal, dando adeus àquele mural de solidão sem igual."

Fiquei toda sabedosa dessa fábula que era a verdade mais verdadeira de todos os tempos, épocas e chuvas. Não só sofria dos sete sintomas da disfunção lírica como tive multiplicado por incontáveis setes o ritual do palavrar. A fala que eu era, robusta de achados e achismos, propunha a clareza dos meandros formais. Era a etiqueta cravada na boca de quem se indispunha com o prazer de ser verbo. Eu não era verbo, era ponto de frequência no serviço público; roupa passada e engomada, desajeitando a brincadeira verbal e poética. Fui aclamada pelo verso e me deixei poema... daí, não teve mais jeito, verti jorrados de palavras, aceitando a inércia; explorando os mistérios irracionais; casando anomalias entre verbos e substantivos; incestando as palavras; amando a desimportância das coisas; cantando as asperezas pedrais e, o melhor – não sei se mais importante, mas o mais divertido! –, comparecendo aos próprios desencontros! Tudo isso multiplicado por muitas outras substancialidades poéticas, verbais e corporais. Agora, eu era fala na boca de poeta!

Desses tempos que eu era sem sal, sem curvas ou declives, ainda me lembro, mas com poucas saudades. Toda fala que se preze tem rabicho com poesia, entretanto se esquece desse seu recanto. A fala se engambela em seu próprio atropelo e se torna gagá de pestes roucas, deixando a infância de sua queda para trás, nos esquecidos das lembranças. Porém, basta um susto para que a presença se apresente! De cabelos desgrenhados e roupas

amarrotadas por sono mal dormido, a fala da poesia – aquela da infância de outrora, colorida de repiques florais, com versos saindo pelas ventas – vem à tona e se torna dona de sua real palavra. O poema que me cruzou os passos deixou-me ainda mais dentro de mim, com isso fiquei ainda mais no meu encaço para não mais me deixar sem mim.

Com as vistas apropriadas para o imprevisto, eu que era fala desdentada, agora me pus poema de faces variadas. Dou-me em cores, tintas, imagens e palavras. Há quem diga que isso é papo de suporte, mas não mais suporte certas favas, pois de mim que agora sei que sou muitas e várias, dou-me pronta até nos concertos de ataques ornados em tintas. E estar pronto é estar andante... e sempre!

Sou palavra escrita – tanto desenhada no grafismo dos alfabetos quanto nas incertas do pincel em tela, muro, chão, parede ou piolho –, sou fala que vigora no incontável dos instantes, sou rascunho que elabora horizontes, sou qualquer coisa aceita ou desaceita porque estou no antes e depois do depois e do antes. A perda de tempo que se perde comigo em elaborações fulcrais de títulos e constelações também está presente no meu amém. Seja doutor ou escultor, pisante de andrajos ou locutor das ordens dos dias, estou neles e em seus contrários. Sou fala-poesia-escrita-corpo, e estendo meus braços nos abraços a quem não pertença, porque pertença aos meus despertencimentos! E nessas andanças, topei com outro eu que assim me cogitou:

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto  
expediente [protocolo e manifestações de apreço ao Sr.  
diretor.  
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no  
dicionário o cunho [vernáculo de um vocábulo.  
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora  
de si mesmo.

De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do  
amante exemplar [com cem modelos de cartas e as  
diferentes maneiras de agradar às [mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é  
libertação.<sup>2</sup>

A prosa da poesia é um amalgamado de gestos pungentes, cuja lírica prosaica se entretece com enlaces, namoros, sotaques, debates de uma prosódia irrestrita de labiais e consonantais. O poema me diz ser um romance cujo céu se deu em versos, e cujos versos se deram em mundos de ortofonias desusadas de correção, portanto, desortofonias! Porém não porque antagonizam, e sim porque se embrenham, se enfiam no dentro do som caudaloso e suculento do palavrar – que é canto e poema –, portanto, escrita e pintura, portanto, corpo de pele crua. O correto do som são galhos de linhas tortas, cujas rimas e métricas, parágrafos e acentuações, se perdem – ou se acham – no mesurado sem-fim do sol.

Não me importo com as rimas. Raras vezes  
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.  
Penso e escrevo como as flores têm cor  
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-  
me  
Porque me falta a simplicidade divina  
De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,  
Comovo-me como a água corre quando o chão é  
inclinado,  
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> BANDEIRA, Manuel. "Poética". In: *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 129.

<sup>3</sup> PESSOA, Fernando. "XIV". In: *O Eu profundo e os outros Eus*: seleção poética. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 148.

Dão nomes e apelidos aos repetidos espasmos de coerência; são doenças bufônicas, estratosferas de vertigens preocupantes de conceitos. Depois que me encontrei no perdido – ou me perdi no meu achado – eu que era fala na boca de sem-dentes, agora me guarneço de despropósitos. Mas despropósitos necessários à vida de um verso, este que se extingue no depois de um sopro de aleluia.

Sou fala de poesia falada, cantada, grifada, grafada, ornamentada, desdenhada, desenhada, pré-ocupada, pintada nas quitandas dos mestiços esquivos de poentes, e disso me dou conta! Eu que era tola, agora sem querelas sou por elas – aquelas de paixão latente, porém bastante condescendentes –, as musas, de fato. Mitos, artefato de labor lingual, gestual ou mundal, são com elas que me percebo diferente, isto é, bastante presente no prelúdio dos meus dias, assim como no presságio das auroras.

Eu que era preocupada com grifes e composturas, agora ouço as desigualdades das árvores. Os poemas me trazem a mim o propósito de ser nada, com bastante afeto, e digo isso bem direto. Sou fala na poesia da canção, e me permito o erro de uma gramática que, quando bem usada, nada tem de redução. Para usá-la bem, é preciso perder o medo do confuso, ser com este o guardião do desuso ao qual o contínuo uso fez de regras e perfeições a referência de uma moção. A língua é minha casa, o Português o meu refrão, com ele penso, choro, amo, desfruto, gozo, sou todo eu e muito outro. Não posso temer as incongruências, não posso correr das regências, faço eu minha própria música, pois, esta sim, é escrita de perdição. Ser corpo, ser palavra, ser coisa jogada ao vento tal qual voo de pássaro em rasgação urânica: isso também é escrita, isso também é gramática, só que com outro nome, dada de outro jeito.

De tanto lirismo comedido me alimentei, sinto na pele a dificuldade de dizer “não” ao preciso e correto, mas me percebi farto dele. Como rogou a mim o poema que cruzou minha andança, “não quero mais saber do lirismo que não é libertação”! E libertação, percebi com o rascunho dos versos, é também assunção do golpe, salto no fundo da palavra, quando a estrutura do nome se funde, se confunde, na criação de invencível pronome. Sim, “olho e comovo-me”, me movo com o andante perdiz do verbo... sou fala na poesia e na escrita, pois sou rabisco e borrão, merda e palavrão. Quero a beleza do estrondo, o gosto do escarro, o oco do nervo

que me faz gozar. Não quero mais nada que não seja a brincadeira de ser palavra, seja lá como a palavra for!

Esse foi acontecido daquele meu dito! Assim me fiz presente! De arrogante soco no lábio da palavra, agora sou beijo na nuca do amor. E sem “motivo” algum me despeço já no apreço de mais um verso, este que deságua e se multiplica em ouvidos e corações prementes:

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> MEIRELES, Cecília. “Motivo”. In: *Viagem – Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 9.

EM CADA DEDO UM ANEL | Carmen Marangoni

Era cashmere bouquet e também era um grande intervalo entre os dentes que a mulher do banco da frente exalava e exibia com ares de quem vai para a cidade grande, hoje de manhã. Em cada dedo, um anel. É realmente um grande ritual sair da casa para andar por entre ruas desconhecidas. Por isso o melhor traje bordado de expectativa. Haveria de ser ela a moradora na casa à beira da estrada poeirenta de chão batido. Da janela pude ver o momento em que esticou o braço que fez parar o ônibus. Carregava um envelope com exames. Se tudo desse certo e se não desse também, compraria uma blusa de lã da cesta da casa avenida depois da consulta com a doutora e chegaria atrasada para colocar o almoço na mesa. Que canteiro de repolhos de dar gosto. E quanta salsinha? Tem mesmo mão para a horta. Mas sua ida à Rio do Sul já teria lido rendido suores noturnos e merecido planejamento. Os filhos foram avisados. O marido, apoiado no cabo da enxada, acenou com a cabeça desejando toda a sorte. Ela entrou bem disposta. Não olhou para trás. Em cada dedo um anel. Aposto que deixou tudo encaminhado. O arroz misturado com o óleo e o sal na panela, apenas para girar o botão do fogão a gás, com o esmalte já gasto dos anos de casamento. Mesmo acreditando na má sorte do vento vindo na minha direção, não troquei de acento. Precisava beber daquela disposição. Daquela roupa bem lavada, daquele orgulho de ter chegado até ali. Digo, na vida. A manta de crochê, bem esticada no sofá de couro velho na varanda, duas ou três samambaias plantadas em latas de pepino e um cachorro saudoso a abanar o rabo. Ele também estaria ali para ouvir as novidades na hora do almoço. Tudo tinha o toque pesado dela. Em cada dedo um anel. Se pudesse, também a esperaria. Na varanda, pegando emprestado o calor da chaminé. Me faltam dedos, mas tomara que o molho da carne de porco escorra sempre à gosto na batata doce. Que não seja preciso nenhuma dieta. Sempre o salivar da roça. Sempre o dia clareando com mais certezas do que divãs. Que a roupa no varal esteja seca e que "se deus quiser" não



# Poesia

Seleção: **Juliana Amaral**

**Tatiana L. da Costa**

Rio de Janeiro, Brasil.

***Poema para te cantar***

sou o vento  
Ventania charmosa que entrou pela porta trancada, selada  
sou o vento  
Temporal dançante na tua sala de estar sozinho  
sou o vento  
Chuva de sóis no teu dia cinza, triste  
Sou o vento  
Que te achou atrás da porta de uma poesia  
Doce  
Sou o vento  
que trouxe teus diamantes perdidos no caminho  
sou o calmo vento,  
laço de calma e temporal  
que balança as pétalas em teus pulmões  
que joga sementes de poesia  
dentro de você.

*Para o meu amor Wellington Gouvêa Aguiar.*

*Março/2013*

**Wellington Gouvêa Aguiar**

Rio de Janeiro, Brasil.

**FÔLEGO**

*(06/04/2011)*

Ofereci diamantes  
quiseram me dar espinhos em troca  
Ofereci luas prateadas  
e me deram escorpiões e cobras

Atrás de portas me escondi  
para proteger meus tesouros  
Se ninguém quiser meus queijos  
que pelo menos não sejam dados aos ratos

As portas eu tranquei  
As janelas eu abri  
Veio me visitar meu amigo, o vento  
acariciar minha face  
encher meus pulmões

E o que mais esperar do vento,  
senão que ele continue?

Perguntei a ele o que ele espera de mim  
e ele disse: "Continue..."

*(17:00)*



**Marcelo Sousa**

Rio de Janeiro, Brasil.

**COM UMA PEDRA NO BOLSO**

Mirei à frente  
furioso querendo vingança  
com uma pedra na mão:  
cruel como só podem ser as crianças!  
Queria acertar um pássaro qualquer  
mas a pedra pulsou, de repente, como um coração  
e eu não soube mais o que fazer.

Mirei à frente  
com o coração a pulsar entre os dedos.  
A ave abatida já formava em minha cabeça um esboço.  
E se eu errasse o alvo, ou se acertasse, Deus, que medo!  
Guardei a pedra no bolso  
como se para sempre guardasse  
um segredo.

**Pedro Du Bois**

Rio Grande do Sul, Brasil.

**FRONTEIRAS**

Marco a distância: crio fronteiras  
e as armo em cercas farpadas.  
Reservo espaço ao póstero. Sigo  
os passos menino moço remoçado  
e impeço sua saída. Pergunto pela  
identidade: faço ver a necessidade  
das explicações. Armo minha fala  
no descaso do eterno (ou quase)  
vigilante. No peso a responsabilidade  
rompe o estribilho. Minha fronteira  
exige permanências.

**Alberto Cohen**

Pará, Brasil.

**CARO POETA**

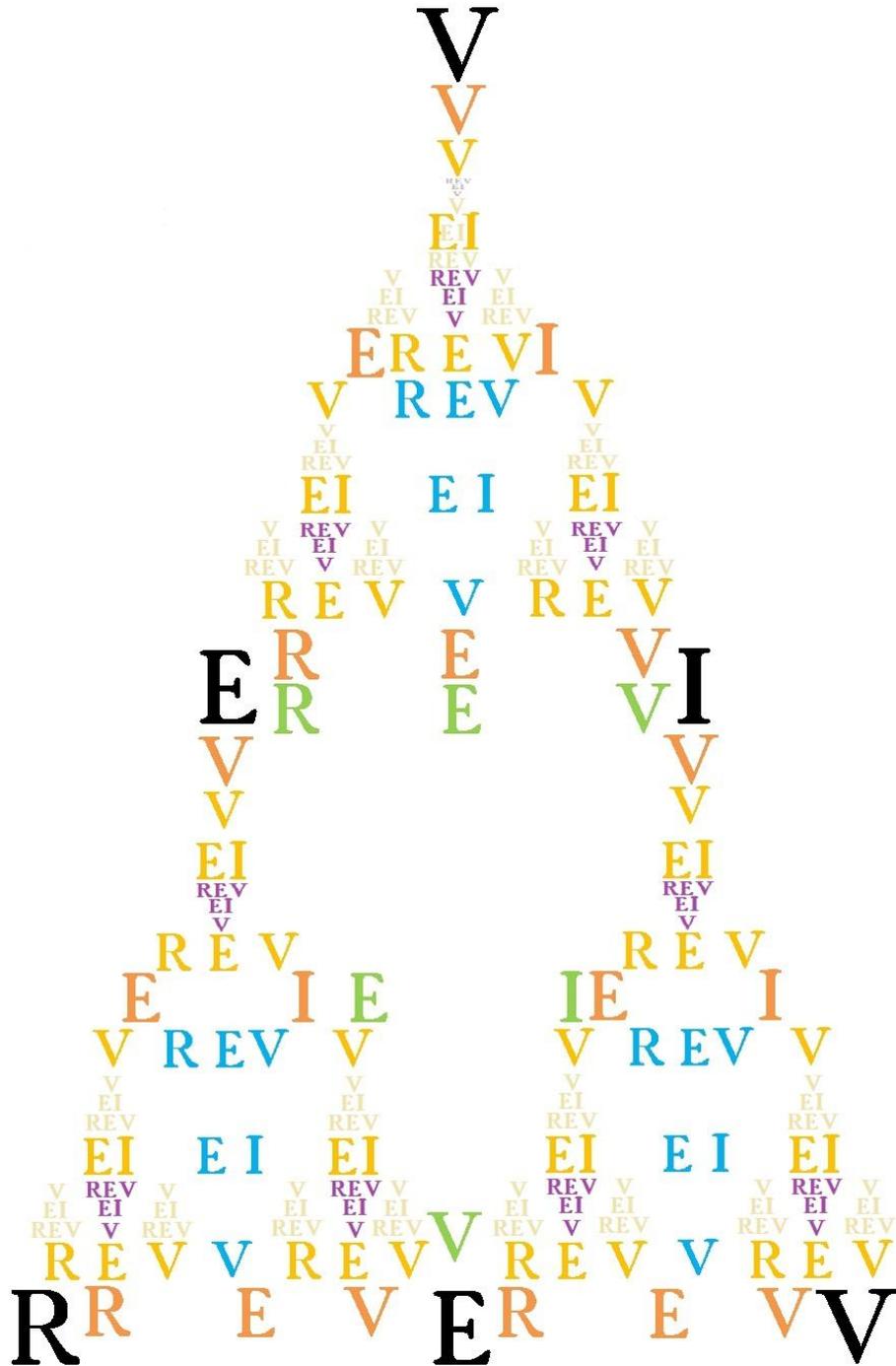
Você não vê que seus olhos de devassar sentimentos  
são periscópios voltados para o mais fundo da alma,  
radiografias de coisas que jazem bem escondidas  
debaixo do faz de conta que maquila tantas vidas?  
Quantos anos envidados para amordaçar lembranças,  
acorrentar o passado no porão do sofrer menos,  
e, de repente, um poema, abrindo frestas nas portas,  
liberta mil pesadelos, revive paixões já mortas  
que tomam conta da casa, pulam muros, saem na rua  
em busca das esperanças que, há muito, foram perdidas,  
mas, sempre, estiveram perto, vestidas de alegorias,  
cartas, olhares, sorrisos, álbuns de fotografias.  
Melhor não ler com seus olhos de devassar sentimentos,  
melhor não juntar seus versos com o que dorme na alma.  
Escondido no silêncio das lágrimas não choradas,  
manter, para sempre, o livro com as duas capas fechadas.

**Vinni Corrêa**

Rio de Janeiro, Brasil.

GEOMETRIA DA VIDA

(em vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=wpjssnxjG6Y&feature=youtu.be>)



**Tabalippa**

Santa Catarina, Brasil

DECOMPONDO

Pincelando de verde ornamento e,  
Mostrando o azul, a mega cor,  
E fugindo das cores cinzentas,  
Apresento a cor rosa do amor

Iniciando em amarelo, a cor do ouro,  
Haurindo tons que se mostram então  
Conduzindo ao prateado reluzente  
Terminando no vermelho da paixão.

Nos recônditos de minha alma, sinto,  
O fulgor das cores rebrilhando intenso  
Feliz, caminho, embevecido ao brilho.  
Que teu retrato irradia no momento.

Retratada a beleza da mulher  
Em arte que define delicadeza  
E um sorriso me aflora com muito gosto  
Ao ver a felicidade que dali emana  
Envolvida na beleza  
Desse teu lindo rosto.

Filha da região equatorial,  
As cores quentes te envolvem.  
E nessas cores absorvidas em si  
Na limpidez do teu sorriso  
Devolves ao mundo, agraciada,  
O sol  
Que guardas dentro de ti.

**Andri Carvão**

São Paulo, Brasil.

ALGUNS HAIKAIS

**Banquete dos Mendigos**

Galinha preta  
ao molho pardo  
na encruzilhada.

**Paradisiáco**

praias desertas  
horas incertas  
mentes abertas

**Nau**

Navio pirata  
Navio fantasma  
Nau frágil

**Você me Lava feito um Vulcão**

Fogo na montanha  
Lava no mar  
Formações rochosas

**O Náufrago**

Canto de sereia  
Cauda de baleia  
Castelo de areia

**Pretérito Imperfeito**

Todo dia  
O dia todo  
O passado presente

**José Felipe Mendonça da Conceição**

Rio Grande do Sul, Brasil.

**DE VOLTA PARA CASA**

I

Bocas desmaiadas,  
De sono escancaradas,  
Viajam de volta para casa  
Avenida afora,

Enquanto  
Cabeças pendidas,  
Em sonolência contrita,  
Dormem o sono dos justos,

Nessa hora  
Que se prolonga  
E devora  
O resto do dia  
E das horas.

II

Vogam,  
Em meio a lixos  
E detritos,  
Antigos destroços  
De outrora;

De viagens,  
Tratados, ilhas  
E tordesilhas,  
De tantas linhas,  
Faixas, buzinas e sirenes  
Dos que voltam para casa  
Infrenes e sem leme.

Vogam  
Tiros,  
Gritos e vozes  
Em meio ao martírio  
De quem morre anônimo  
Sem nunca ter lutado  
Contra mouros ou assírios.

Vogam  
Santas cruzes  
E arcabuzes  
A perpetrarem  
O vilipêndio  
De missas  
Estandartes,  
E incêndios,  
Dos massacres

Que catalogam  
A cidade.

III

Tudo que é perene  
É só mais uma forma  
Do provisório  
Neste empório  
Que é a história.

Por isto este mar,  
Há muito seco,  
Embora infindo,  
Que guarda seus ecos  
E os endereços  
Marítimos ou citadinos  
De tantos vascos,  
Marcos, pólos e gamas,  
Zhengs, vicentes,  
Pessanhas, janszs,  
Mendonças, lischontens,  
Ninas, pintas, marias,  
Cabos, santos, eanes  
Nunes, nunos e homens,  
Sem glória e sucesso  
Que voltam para casa  
De mares, bares e azares.

Por isto este mar,  
De quem  
Não conseguiu regressar  
E que hoje,  
Sem canto ou narrativa,  
Retorna para casa,  
À deriva,  
Em meio a vagas  
Que aportam,  
Em chamas,  
As frotas soçobradas,

Lâmina  
Que aflige e inflige  
A chaga escusa,  
Ibero-americana,  
De toda uma raça chacinada,

Os becos e logradouros  
De ocaso,  
Esquecimento e atraso  
Que não encontram  
Escoadouro.

**Rodrigo Dias**

Rio de Janeiro, Brasil.

**UM POUCO DE TUDO**

Tudo para cada um,  
Um pouco para todos  
Dividir, compartilhar, desfazer-se...

Fazer, pouco a pouco,  
Tudo novamente.

Todo mundo é derivado  
De cada um  
E cada um faz o mundo  
Que é de todos;  
Quem trabalha faz o mundo  
De quem emprega que paga o mundo  
De quem trabalha.

Nada para alguém é tudo  
Para ninguém, um pouco  
Para todos, tudo  
Para cada um.

Somar, reter para si, refazer  
Pouco a pouco  
Tudo novamente.

**Ricardo Pocinho**

Lisboa, Portugal.

**[UM DIA QUEBRAREI ALGUNS VENTOS DO NORTE]**

um dia quebrarei alguns ventos norte,  
silencia-me,  
sim, silencia-me,  
enquanto a alma se enfuna e voga  
para além do mar, porque não afora  
como se as margens não se avistassem [?],  
e os faróis se desligassem pela passagem  
de um cometa qualquer, ilumina-me a rota,

e mesmo que alguns barcos não resistam  
a tantos remares,  
repito-te nos gestos, sim,  
diferenciando-os depois da pele rasgada,

trespassa-me com as mãos, que  
um dia,  
se enovelaram no meu corpo.

E não te escrevo sobre o amar,  
sim, do amar que se encabrita  
e extenua, debilita-me e foge,  
sim, que tudo transforma de saudades,  
até estes ventos norte que um dia quebrarei,  
um dia serei.

E não te descrevo o mar,  
sim, do mar que me adormece alguns nevoeiros,  
que me reflete de dia,  
mesmo imagens distorcidas nos oásis de nenúfares  
que ficam no meio dos sargaços.

Querem-se os corais em cor,  
encaminho-os pelas palavras que o silêncio escolheu sem compreender  
como são belos,  
como se a beleza não me silenciasse sempre,

como se te renunciasses.

Acorda-me, silencia-me, enquanto os teus lábios procuram os meus,  
respira-me nos ventos norte que um dia quebrarei,  
e serei um sopro,  
e serei um gigante.

**Brian Kibuuka**

São Paulo, Brasil.

**EU-TÍSICO**

Minha lira está quebrada,  
minha máquina de fingimentos,  
partida  
pelo golpe dado  
com o meu eu lírico  
que nada finge...

Tudo o que tenho  
está de partida:  
viagem sem volta  
ao eu que é cada vez mais você,  
sem fingir em nada  
meu bem-querer de trocar por amor  
"a dor que deveras sente".

**Taysa Silva Santos**

Bahia, Brasil.

## **ECOS DA PRISÃO**

Liberdade, vontade.  
Capacidade, inatividade.  
Sujeição, prisão.

Ecos de vontade  
Ecos de capacidade  
Ecos de liberdade

Ecos de Inatividade  
Ecos de Sujeição  
Ecos da Prisão

**Edson Pielechovski**

Porto Alegre, Brasil.

### **O SONO DAS SEMELHANÇAS**

túnel filmado  
por diminutivos  
tem uma pessoa na minha frente  
*ao*  
beijo

Entre dois espelhos  
não  
Entre dois espelhos

palhaço sonhando  
que toca flauta  
em sílabas de lua

*ao*  
meu : amor : seu  
*ao*

prazer em busca  
de artérias do sim  
no olho-oficina do não  
*ao*

alinhamento  
:  
Todo mundo passa  
no chão  
Todos são iguais

*ao*  
enterro  
:

covil sob lençóis  
*a* *o*  
muralha de vazia horizonte de corpos

**Antonio Ladeira**

Rio de Janeiro, Brasil.

### **SOBREPOSTOS**

A árvore está calada,  
Um galho amputado  
E a outra atrofiada,

Há uma muda crescente  
Em sua base.  
A árvore vai se perpetuando.

Um tapete de flores liláses  
Surgem. Mas já estavam.  
O caule é tortuoso  
De um só ângulo.

Se matarem essa árvore,  
Matam também a admiração  
E uma vira outra.  
Se o tapete das liláses sumir,  
Pouco a pouco, descobrir-se-á  
Um pavimento novo.

Antes, mal dava para ver  
As florezinhas amarelas  
Que brotavam lá do chão.

**Vânia Lopez**

Minas Gerais, Brasil.

**SINA**

de mãos dadas corríamos o mundo  
algo parecido com voar  
o calor das conversas ao pé do tapete  
não havia hora vazia  
tantas lágrimas misturadas ao riso  
ficaram na parede da cozinha  
tantas pessoas nos cabides da memória  
carregavas o amor no cheiro das lembranças  
não percebi que tu corrias  
porque andaste tão aflito?  
mas sabe ainda não pude  
ainda não fiz tanta coisa  
sequer fui um talvez  
ainda não dói profundamente em uma manhã  
ainda não adquiri mais espaço  
para abrigar viver mais  
venho e vou a inumeráveis ventos  
mas que acordo foi esse que fizeste?  
em que fazes a mão pousar na última lembrança  
em que sina te meteste?  
onde tudo vira névoa e nada responde  
tempo não deslize  
me dê tempo sem ruir  
ainda não plantei girassóis dentro de mim  
permita que meu corpo siga adubo de si  
me escorregue aonde vá  
não me pare por aí  
me leve, me guie

**Brian Patten**

Liverpool, England.

**I HAVE CHANGED THE NUMBERS ON MY WATCH**

I have changed the numbers on my watch,  
And now perhaps something else will change.  
Now perhaps  
At precisely 2a.m.  
You will not get up  
And gathering your things together  
Go forever.  
Perhaps now you will find it is  
Far too early to go,  
Or far too late,  
And stay forever.

**Marcos Nascimento**

Rio de Janeiro, Brasil.

Senhor dos baixos mundos, a luz fere tua carne  
Quer provar o sangue dos puros?  
No vão da noite raia tua maligna manhã  
Teu sol noturno tua lua matinal iluminam os párias  
Zomba de minhas preces  
Queimo em febre  
Dai-me teu pão  
Ofereço-te meu vinho  
Abriga-me se eu cair de tuas alturas  
SENHOR DOS CAMINHOS  
Eu aqui, sutil e atônito,  
Respiro promessas que caíram de mãos alheias  
E se partem em perfumes lentos de flores de mármore envelhecidas  
Levados por um vento atroz e ignóbil.

**Djalmar Stüttgen**  
São Paulo, Brasil.

**AS QUATRO FOLHAS**

Sol atuante  
Sombrinhas coloridas  
Passeiam nas mãos

**Juliana Amaral**

Rio de Janeiro, Brasil.

**SE SOUBÉSSEIS**

Posso jurar, se tem outro amor consigo  
se soubésseis o mal que me fazeis,  
quereria morrer hoje.

Quanta amargura me fazeis sofrer,  
se soubésseis o mal que me fazeis,  
pois, conquanto apenas dor

e nenhuma alegria me causeis.  
Não me querendo nenhum bem  
minha pena seria ter de viver mais um dia.

